

Vozes de resistência e coragem: os casos de Paulette Nardal e de Maria Nascimento, essas mulheres amefricanas

Ricardo Silva Ramos de Souza¹

O presente artigo propõe uma análise comparativa das propostas elaboradas pela martinicana Paulette Nardal (1896-1985) no jornal *La Femme dans la Cité: revue mensuelle du Rassemblement féminin* (1945-1951) e pela brasileira Maria Nascimento (1924-2005) em *Quilombo – vida, problemas e aspirações do negro* (1948-1950) durante uma época de mudanças políticas tanto na Martinica quanto no Brasil. Ambos os jornais eram canais de comunicação de associações: a *Rassemblement Féminin*, de viés feminista e católico, criada por Paulette Nardal em 1944; enquanto Maria Nascimento participou da fundação do Teatro Experimental do Negro, o TEN, também iniciado em 1944, ao lado de Abdias Nascimento, seu esposo. Essas organizações foram criadas com a Segunda Guerra Mundial em curso e inseridas em contextos políticos difíceis nos seus países, contribuindo para determinar o engajamento político dessas duas mulheres negras.

Nessa perspectiva, adotamos a categoria político-cultural da amefricanidade, elaborada por Lélia Gonzalez (2020), para nossa reflexão e como metodologia, pois, a partir da experiência comum oriunda da escravidão de mulheres negras no continente americano e do racismo como sistema de dominação ainda presente nos dias atuais, a amefricanidade destaca a agência de mulheres negras, ou amefricanas, já que a América seria muito mais africana do que latina, ou seja, uma Améfrica, e seria uma forma de valorizar os processos históricos de resistência e solidariedade ao longo dos séculos. Essa categoria nos auxilia a compreender a história e a presença das mulheres amefricanas para além das limitações territoriais, linguísticas e ideológicas, possibilitando o resgate de uma unidade específica a partir de um viés afrocentrado, forjado nas dinâmicas culturais das Américas do Sul, do Norte, Central e insular.

O artigo divide-se em três partes: a primeira ilustra a necessidade de mulheres negras em romper o silêncio imposto; primeiro, pela ordem colonial; depois, diante do sistema de dominação racista e patriarcal para se posicionarem como sujeitos de conhecimento (Kilomba, 2019) e, a partir daí, criarem práticas de amor sedimentadas na ética amorosa (Hooks, 2021).

¹ Doutorando em Letras: Estudos Literários (Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF). Pesquisa com financiamento da agência de fomento CAPES.

A segunda parte trata de Paulette Nardal em seu retorno à Martinica após morar na Paris do entreguerras, quando participou de ações envolvendo gênero, raça, classe, religião e política, tornando-a uma protagonista para o que viria a ser a Negritude francesa e o internacionalismo negro francófono. Em seu retorno, Nardal tentou viabilizar melhores condições de vida para as mulheres martinicanas com a criação da *Rassemblement Féminin* e do jornal dessa organização, *La Femme dans la Cité*. Assim, serão analisados editoriais escritos por Nardal que abordam gênero, participação política, direito ao voto e justiça social. Diante do exposto, questionamos: Quais foram as estratégias de Paulette Nardal para articular a participação política de mulheres em um momento de liberação do voto feminino e de departamentalização da Martinica?

A terceira parte concentra-se em Maria Nascimento e no jornal *Quilombo*, onde foi diretora-gerente e assinou a coluna “Fala a Mulher”. No Teatro Experimental do Negro (TEN) participou como atriz, foi diretora do departamento feminino e desenvolveu várias propostas para as mulheres, como a necessidade de ter participação política e de exercer o direito ao voto. Em suas colunas, evidenciou suas preocupações por uma perspectiva interseccional de gênero, raça e classe, ressaltando a importância da educação, do trabalho e da consciência política para reivindicar justiça social para a população negra carente. Diante disso, questionamos: Quais teriam sido as barreiras encontradas por Maria Nascimento para lançar suas propostas? Dentro do TEN, ela conseguiu contornar os entraves de gênero?

Nas Considerações Finais expomos as similaridades e diferenças nas trajetórias de Paulette Nardal e Maria Nascimento no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial, atentando para as especificidades políticas e culturais da Martinica e do Brasil, assim como as diferenças de posição social e apoio político interferiram e/ou ajudaram nas atividades dessas duas intelectuais negras. As referências utilizadas encerram o artigo.

Mulheres negras: o conhecimento como forma de romper o silêncio imposto

Grada Kilomba (2019) discorre sobre a máscara do silenciamento registrada em uma pintura da escrava Anastácia feita no século XIX aqui no Brasil. Trata-se de um instrumento de tortura do período de escravidão que traduzia a violência do colonialismo ao prejudicar a prática do discurso de negras escravizadas. Essa máscara constata a fragilidade do estereótipo de submissão natural das escravizadas e da convivência pacífica com os escravizadores, uma vez que essas pessoas reivindicavam as suas existências e o direito ao discurso em primeira pessoa.

Já para bell hooks (2019), ousar erguer a voz é um ato de resistência e um ato de coragem contra a dominação em que as mulheres negras se encontram, pois “[f]alar se torna tanto uma forma de se engajar em uma autotransformação ativa quanto um rito de passagem quando alguém deixa de ser objeto e se transforma em sujeito” (Hooks, 2019, p. 45).

Nessa perspectiva, Kilomba (2019) discorre sobre o fato de as mulheres negras atingirem o status de sujeitos em um contexto de racismo. Ao ter como referência Paul Mecheril, para se alcançar a esfera da subjetividade de sujeito deve-se contemplar três níveis: o político, o social e o individual. Para ser considerado um sujeito completo, a pessoa precisa ter reconhecida essas três esferas de subjetividade, mantendo a ideia de superioridade e a sensação de direitos e privilégios. Mas, o racismo faz com que sujeitos racializados sejam incompletos, pois não reconhece essas esferas de subjetividades em pessoas negras. Daí, a busca pelo reconhecimento como sujeitos é essencial para mulheres negras, em especial quando atuam como intelectuais.

Paulette Nardal e a luta por emancipação feminina em *La Femme dans la Cité*

Com o fim da ocupação nazista na França em 1944, o governo francês implementou, naquele ano, o direito ao voto das mulheres metropolitanas em 21 de abril e, em 20 de novembro, esse direito chegou às mulheres das colônias. No ano seguinte votariam, pela primeira vez, nas eleições municipais e para a assembleia constituinte (Palmiste, 2021). Além disso, a Martinica mudou de estatuto: como departamento ultramarino, efetivado em 1946.

Nesse novo cenário político, Paulette Nardal decidiu aproveitar o momento favorável para buscar melhores condições de vida para as mulheres em uma sociedade patriarcal e ainda colonial. Mas, antes, mencionamos o quanto as ações sociais de sua mãe, Louise Achille Nardal, contribuíram para sedimentar o caminho que sua filha trilharia na década de 1940.

Louise Achille (1869-1942) casou-se com o primeiro engenheiro civil negro da Martinica, Paul Nardal (1864-1960), em 1915, e Paulette foi a primeira de sete filhas. Segundo Clara Palmiste (2021), Achille fazia parte de uma burguesia negra e pertencia a um grupo de mulheres casadas com políticos da ilha. Com mulheres brancas, esse grupo envolvia-se em atividades filantrópicas; eram mulheres “evoluídas”. Ela fundou ou participou de sociedades beneficentes como a Saint-Louis des Femmes (1901) e a Union des Dames Martiniquaises (1914). Já nas organizações mistas em raça, atuou em Foyer des Orphelins de la Guerre (1915) e Oeuvre des Prisons (1927), entre outras. Essas mulheres cultas e católicas aproveitavam-se do capital político e financeiro que tinham; e diante de uma estrutura social

racializada, as discriminações eram neutralizadas pela fé católica e o objetivo comum de fazer o bem para os desfavorecidos.

Diante da trajetória de sua mãe, compreendemos as ações de Paulette Nardal em organizações católicas e o seu senso de justiça social sedimentado por um humanismo cristão em Paris. Porém, na Europa, a consciência de gênero, raça e classe eram importantes para Nardal negociá-las nos diferentes grupos em que atuou. Por outro lado, no seu retorno à Martinica, Nardal investiu com maior intensidade na categoria gênero em suas ações.

Sobre esse retorno à Martinica, T. D. Sharpley-Whiting organizou *Beyond Negritude: Essays from the “Woman in the City”* (2009), edição bilíngue inglês-francês, com a seleção de catorze textos de Nardal publicados no jornal *La Femme dans la Cité*.

La Femme dans la Cité foi criado em 1945 e encerrou suas atividades em julho de 1951, foi o jornal da organização feminista-católica Rassemblement Féminin iniciada em 1944, duas iniciativas de Paulette Nardal. Nessa época, ela estava preocupada com a indiferença das mulheres com os problemas sociais da Martinica. Para Sharpley-Whiting (2009), Nardal teria associado essa indiferença à privação de direitos políticos para as mulheres, afastando-as da vida pública. Assim, a Rassemblement Féminin, de orientação católica e apartidária, veio para aproveitar as mudanças políticas na Martinica e com a proposta de ser uma organização cujo objetivo seria a formação cívica, social e política das mulheres martinicanas (Palmiste, 2021).

Entretanto, segundo Palmiste (2014), os objetivos de Nardal nesse jornal evidenciavam o seu alinhamento com a política francesa, a assimilação e o seu anticomunismo. Mas havia um contraponto à Nardal e sua organização: a Union des femmes de la Martinique (1945), liderada por Jeanne Léro (1916-1961), filiada ao partido comunista francês, contrária à assimilação e a favor da independência das colônias; o que demonstra as disputas em torno das questões políticas e sociais entre as mulheres negras martinicanas.

Dito isto, *La Femme dans la Cité*, em sua primeira edição, de janeiro de 1945, Nardal, no editorial, apresenta-se otimista, pois “uma revolução está ocorrendo na mente das pessoas” (Nardal, 2009, p. 20) e assinala as suas propostas direcionadas às mulheres:

[...] o social é o aspecto da vida que interessa em primeiro lugar às mulheres. Diante do dever social, ela é igual ao homem. É também como um ser pessoal, inteligente e livre. Mas como ser social, deve seus serviços à comunidade humana. Como o homem, deve contribuir para o progresso da humanidade. Mas este serviço, pelas diferenças físicas e psicológicas que existem entre o homem e a mulher, será um serviço diferente, mas não necessariamente de menor valor por ser diferente. É cumprindo-o que ela permanecerá fiel à sua vocação feminina. (Nardal, 2009, p. 20, tradução nossa)²

² “le social est l’aspect de la vie qui intéresse la femme au premier chef. Devant le devoir social, elle est l’égale de l’homme. Elle est aussi en tant qu’être personnel, intelligent et libre. Mais en tant qu’être social, elle doit à la communauté humaine ses services. Comme l’homme, elle doit contribuer au progrès de l’humanité. Mais ce

Sharpley-Whiting (Nardal, 2009) demonstra como as políticas de gênero de Nardal estão associadas ao conservadorismo burguês e a uma educação católica rigorosa, e, dessa forma, ela compreendia a existência de uma “essência feminina”, desde que esta não interferisse nos direitos das mulheres ou criasse hierarquias de gênero. Para Sharpley-Whiting (Nardal, 2009, p. 17-19), quando Nardal considera as características femininas como fabricadas pelo homem, ela logo as dispensa, revelando segurança na distinção do que considerava natural ou cultural.

Nardal mostra como não há necessidade de estudos complexos para entender a realidade das mulheres martinicanas e expõe a própria posição de classe e a sua orientação paternalista:

No entanto, não há necessidade de estudos complicados para conhecer certos problemas que se impõem diariamente à atenção das mulheres, o da domesticidade, por exemplo? [...] fundamos um Curso de Educação Doméstica para Empregadas, cuja abertura está hoje fixada, e uma Associação de Donas de Casa. Para ultrapassar a falta de previsão dos nossos concidadãos menos evoluídos, criamos a Obra dos Enxovais e como queremos acima de tudo educar as massas, elevar o seu nível social, decidimos transformar-nos em assistentes sociais. (Nardal, 2009, p. 20, tradução nossa)³

Nesse sentido, Nardal entende que as mulheres martinicanas despertaram para a realidade social e conclui o editorial com otimismo: “A Mulher Martinica entrou na Cidade dos Homens”⁴. A participação na vida pública seria o caminho para exercer a cidadania, Nardal insistirá na atuação das mulheres nas eleições em três editoriais de 1946: “Abstention: crime social”, “Les femmes martiniquaises et la politique” e “En face de l’histoire”. Para ela, esse dever cívico possibilitaria a justiça social almejada “por uma revolução pacífica. Para que a Martinica encontre a paz social, é preciso se dar ao trabalho de ir votar, é preciso ter preocupação com o bem comum”⁵ (Nardal, 2009, p. 76, tradução nossa).

No seu retorno à Martinica, Nardal não abandonou o internacionalismo negro, mas o seu foco parisiense na categoria raça foi substituído por um sentimento universal e de valores morais relacionados à sua fé católica. Assim, ela seria a representante dos departamentos

service, du fait des différences d’ordre physique et psychologique qui existent entre l’homme et la femme, sera un service différent, mais pas nécessairement de moindre valeur parce qu’il est différent. C’est en l’accomplissant qu’elle restera fidèle à sa vocation féminine.”

³ “Pourtant point n’est besoin d’études compliquées pour connaître certains problèmes qui s’imposent journellement à l’attention de la femme, celui de la domesticité, par exemple? [...] nous avons fondé un Cours d’Enseignement ménager pour les domestiques dont l’ouverture est fixée à ce jour et une Association de Maîtresses de Maison. Pour obvier au défaut d’imprévoyance de nos concitoyennes moins évoluées, nous avons créé l’Œuvre des Layettes et comme nous désirons avant tout éduquer la masse, relever son niveau social, nous avons décidé de nous transformer en assistantes sociales.”

⁴ “La Femme martiniquaise est entrée dans la Cité des Hommes.”

⁵ “par une révolution pacifique. Pour que la Martinique retrouve la paix sociale, il faut que vous vous donniez la peine d’aller voter, il faut que vous ayez le souci du bien commun.”

ultramarinos da França na Organizações das Nações Unidas (ONU), exaltaria o surgimento da ONU como uma possibilidade concreta de solidariedade (Nardal, 2009, p. 80).

Nesse sentido, vimos o quanto o humanismo cristão de Nardal e a sua ênfase nas mulheres relacionam-se com a ética amorosa, pois esta “pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente. Para trazer a ética amorosa para todas as dimensões de nossa vida, nossa sociedade precisaria abraçar a mudança” (Hooks, 2021, p. 123).

“Fala a Mulher”: a voz de Maria Nascimento no *Quilombo*

Maria de Lourdes Vale Nascimento nasceu em 2 de setembro de 1924, em Franca (SP). Maria Nascimento teve formação em assistência social e técnica em contabilidade. Conforme Giovana Xavier (2020), pouco se sabe sobre a sua biografia, e foi a partir de seu contato com Elisa Larkin Nascimento no IPEAFRO (Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros) que possibilitou o acesso a documentos sobre Maria, e ao entrevistar César Nascimento, sobrinho de Maria, que foi possível reconstruir passagens da vida de Nascimento antes e depois do TEN.

Maria e Abdias Nascimento casaram-se no início dos anos 1940 em São Paulo e mudaram-se para o Rio de Janeiro, quando decidiram criar o TEN cuja proposta era:

resgatar, no Brasil, os valores da pessoa humana e da cultura negro-africana, degradados e negados por uma sociedade dominante que, desde os tempos de colônia, portava a bagagem mental de sua formação metropolitana europeia, imbuída de conceitos pseudocientíficos sobre a inferioridade da raça negra. (Semog; Nascimento, 2006, p. 127)

Em seu início, o TEN foi uma escola de dramaturgia para pessoas negras, também se ocupando da criação de textos para o teatro direcionados para abordar os problemas e as aspirações de pessoas negras no Brasil. Todavia, o analfabetismo era elevado entre os estudantes, o que fez Maria Nascimento indagar: “como o pessoal iria fazer teatro sem conseguir ler um texto?” (Xavier, 2020, p. 42). Com isso, o TEN criou uma escola que atuou em vários níveis da educação. Além disso, os seus integrantes organizaram eventos políticos como a Convenção Nacional do Negro, em 1945 e 1946, e o I Congresso do Negro Brasileiro em 1949. Na parte cultural, destaque para os concursos Rainha das Mulatas em 1947 e Concurso Boneca de Piche, em 1948. Nesse ano foi criado o jornal *Quilombo*, que durou até junho de 1950, ano de início do Departamento Feminino do TEN e da instalação do Conselho Nacional de Mulheres Negras, liderado por Maria Nascimento.

No jornal *Quilombo*, Maria Nascimento foi titular da coluna “Fala a Mulher”, contribuindo com sete ensaios, e foi diretora-gerente, assinando Maria de Lourdes Vale Nascimento. Nessas colunas, direcionava-se às mulheres negras, as suas “patricias de cor”, incentivava o diálogo para exposição de problemas de mulheres negras, estimulava a solidariedade entre negras e brancas, e ilustrava os problemas de gênero, raça e classe focalizados na fragilidade financeira, na falta de saneamento e dificuldades de habitação, trabalho e educação. Sua percepção interseccional mostrava os problemas oriundos das divisões raciais do espaço e do trabalho (Gonzalez, 2020) nas comunidades carentes de maioria negra como na coluna “Morro e favela”. Por outro lado, apresentava a sensibilidade dessas pessoas e as estratégias de resistência em condições tão adversas:

Sim, pairando sobre a triste contingência material, a alegria permanente dos favelados é uma esplêndida lição de otimismo, de confiança mesmo quando o samba fala de tristeza, é sempre uma tristeza alegre de amor perdido, mas não perdido para sempre... [...]

Essa a grande, enorme força dos favelados. A pobreza, a miséria, a doença, não conseguem abatê-los no seu íntimo. (Nascimento, 1950, n. 3, p. 3)

Segundo Xavier (2020, p. 58), Maria Nascimento elaborou uma agenda feminista negra, reivindicando a participação das mulheres negras na política, com a entrada nos partidos políticos, tendo como ápice dessa trajetória a cerimônia de criação do Departamento Feminino do TEN e a instalação do Conselho Nacional das Mulheres Negras no dia 18 de maio de 1950. O Conselho tinha como “objetivo lutar pela integração da mulher negra na vida social, pelo seu alevantamento educacional, cultural e econômico” (INSTALADO, 1950, n. 9, p. 4). Em busca de soluções práticas e imediatas, Nascimento anunciou cursos, entre outros, voltados para a educação infantil, alfabetização, orientação materna, assistência jurídica, além de uma associação para empregadas domésticas.

Ao focalizar nas dificuldades das mulheres negras em suas colunas, Nascimento trouxe diversidade para o *Quilombo* ao ilustrar a mortalidade infantil, as condições adversas de trabalho das empregadas domésticas e a importância da solidariedade entre as mulheres. Foi inovadoras em uma época em que as mulheres negras brasileiras tinham poucos espaços para erguer suas vozes, tanto que, de acordo com Xavier (2020, p. 45), talvez Nascimento tenha sido a primeira colunista negra do Rio de Janeiro e do Brasil a ter um ativismo político ligado à escrita. Nesse sentido, sua trajetória como intelectual negra está associada ao que bell hooks (1995, p. 465) identificou como prática das intelectuais negras o uso de políticas do cotidiano: como a capacidade de compreensão da realidade de sua comunidade e o mundo que a cerca, atuando na dialética de construção de pensamento e prática.

Maria Nascimento separou-se de Abdias por volta de 1955, retornou para Franco da Rocha (SP), afastou-se da produção intelectual e faleceu em 23 de maio de 1994.

Considerações Finais

As trajetórias de Paulette Nardal e Maria Nascimento na defesa de direitos para as mulheres negras na Martinica e no Brasil revelam um senso de solidariedade diante das intersecções de gênero, raça e classe para a formulação de propostas de elevação social e a ênfase na participação política das mulheres negras. Eram as suas práticas de amor.

As mudanças políticas com o fim da Segunda Guerra Mundial e os contextos internos de seus países possibilitaram: o direito ao voto para as mulheres na França e a departamentalização da Martinica; já o Brasil estava saindo de quinze anos de Getúlio Vargas no poder e, com a Segunda República (1945-1964), algumas práticas e ideologias racistas perderam espaço para o mito da democracia racial, que seria combatido pelo Teatro Experimental do Negro.

No recorte temporal deste artigo, de 1945 a 1951, temos semelhanças e diferenças entre as práticas discursivas e ações de Paulette Nardal e Maria Nascimento, e as formas como elas foram conquistadas ou suprimidas.

Em Paris, Paulette Nardal articulou-se: com o internacionalismo negro, em que foi protagonista; contatou organizações sindicais, feministas e católicas; foi editora e colunista de jornais, desde os dedicados ao internacionalismo (*La Revue du Monde Noir*) à imprensa tradicional (*Le Soir*), revelando a sua habilidade de negociar espaços para expor suas ideias, o que Jennifer Anne Boittin (2010) classificou como “camaleão sociopolítico”. Atuou como secretária parlamentar do deputado martinicano Joseph Lagrosillière (1872-1950) e do deputado pelo Senegal, Galanda Diouf (1875-1941). No retorno à Martinica, criou as suas redes sem perder de vista as redes parisienses, já que o Rassemblement Féminin era uma célula martinicana da Union Féminine Civique et Sociale, e editou o jornal *La Femme dans la Cité*. Assim, colocou em prática propostas como cursos profissionalizantes e orientação nos campos religioso e da maternidade. Ainda foi nomeada, em 1946, membro da Comissão Econômica e Social das Nações Unidas para discutir questões relativas a territórios não autônomos. Por fim, sua condição social possibilitou cursar uma universidade na França, ser fluente em inglês e, com as redes construídas na metrópole, viajou para o Senegal, Bélgica e Estados Unidos.

Já Maria Nascimento, ao que tudo indica, não chegou a ter a experiência de deslocamento internacional, porém teve contato com personalidades negras estrangeiras que eram recepcionadas pelo Teatro Experimental do Negro, além de contatos com a revista *Présence Africaine* e jornais da imprensa negra norte-americana. Nascimento não mediu esforços para desenvolver melhores condições de vida para as mulheres e as crianças negras de sua época, atenta às intersecções de gênero, raça e classe, o que a fez lutar, como responsável pelo departamento feminino do TEN, pela realização do congresso nacional de mulheres e pela regulamentação do trabalho doméstico, e ainda criou o conselho nacional de mulheres negras.

Na comparação de trajetórias dessas duas intelectuais negras, a disparidade de ações, de tempo de atuação, de apoio de uma família tradicional e de deslocamentos de Paulette Nardal com a vivência de Maria Nascimento, recorremos à Yannick Ripa (2018), em *Femmes d'excesion*, que constata a rara presença da figura masculina entre mulheres intelectuais, o que impossibilitaria a inversão do ditado “por trás de um grande homem, há uma grande mulher”. Nardal não se casou nem exerceu a maternidade, enquanto Nascimento casou-se com Abdias Nascimento, um homem de personalidade forte. Aliás, as pressões sexistas retiraram Nardal da vida política, pois sua residência sofreu um incêndio criminoso em 1956, enquanto Maria Nascimento, separou-se de Abdias em 1955 e afastou-se da produção intelectual e vida política.

Todavia, Xavier (2020) afasta-se da excepcionalidade e ressalta a singularidade da trajetória de Maria Nascimento, pois a excepcionalidade restringiria seus passos por meio da “história única”. Xavier investe em um caminho metodológico em que mulheres negras falem por si mesmas, pois a atuação de Nascimento revela “anseios, expectativas e investimentos seus e também da comunidade negra em torno da educação”, definindo-a como uma intelectual negra do pós-abolição, evitando descon siderações acerca das “formas de produção e sistematização de conhecimentos conduzidas por mulheres negras” (Xavier, 2020, p. 68).

Paulette Nardal e Maria Nascimento utilizaram-se de práticas de amor nas suas ações de justiça social, contemplando as dimensões de amor citadas por bell hooks, ou seja, “cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento” (Hooks, 2021, p. 130). Entenderam que para assumir a ética amorosa precisariam ser corajosas para realizar as suas práticas de amor, enfrentando todos os medos que aparecessem. Foram mulheres propositivas e tiveram habilidade para negociar suas estratégias em espaços de poder dominados pelas barreiras de gênero, classe e raça. Porém, lutaram com as armas possíveis em estruturas patriarcais pouco favoráveis para a presença e participação de mulheres, ainda mais negras.

Portanto, isso só reforça a consciência política e de urgência para transformar os lugares onde viviam e o sentimento de solidariedade e práticas de amor dessas duas mulheres amefricanas.

REFERÊNCIAS

BOITTIN, Jennifer Anne. *Colonial Metropolis: The Urban Grounds of Anti-Imperialism and Feminism in Interwar Paris*. Lincoln; London: University of Nebraska, 2010.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. *Estudos Feministas*, ano 3, n. 2, p. 464-478, 2. sem.-1995.

NARDAL, Paulette. *Beyond Negritude: essays from Woman in the City*. New York: State University of New York, 2009.

NASCIMENTO, Maria. Morro e favela. Coluna “Fala a mulher”, *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Rio de Janeiro, n. 3, p. 3, jul. 1949 [EFS, p. 49].

NASCIMENTO, Maria. Integração da mulher de cor na vida social. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Rio de Janeiro, n. 9, p. 4, mai. 1950 [EFS, p. 98].

PALMISTE, Clara. Le « Rassemblement féminin » (1945-1951) : à la croisée des différents réseaux de Paulette Nardal. *FLAMME*, Mondes noirs: hommage à Paulette Nardal, n.1, p. 56-67, 2021. Disponível em: <https://www.unilim.fr/ flamme/100>. Acesso em: 5 dez. 2022.

PALMISTE, Clara. Le vote féminin et la transformation des colonies françaises d'Amérique en départements en 1946. *Nuevo mundo - Mundos Nuevos*, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/66842>. Acesso em: 10 jan. 2023.

RIPA, Yannick. *Femmes d'exception*: les raisons de l'oubli. Paris: Le Cavalier Bleu, 2018.

SEMOG, Éle; NASCIMENTO, Abdias. *Abdias Nascimento*: O griot e as muralhas. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SHARPLEY-WHITING, T. Denean. Introduction: On Race, Rights, and Women. In: NARDAL, Paulette. *Beyond Negritude*: essays from Woman in the City. New York: State University of New York, 2009. p. 1-14.

XAVIER, Giovana. *Maria de Lourdes Vale Nascimento*: uma intelectual negra do pós-abolição. Niterói: EDUFF, 2020.